

## ISSO NINGUÉM ME TIRA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

Carmen Sidneia Bonfanti da Silva<sup>1</sup>  
 Regina Marta Fonseca Gonçalves<sup>1</sup>  
 Simone Lea Marques Barreto<sup>1</sup>  
 Sonia Maria Dornellas Morelli<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como finalidade apresentar algumas facetas da literatura infanto/juvenil diante a Indústria Cultural, tendo como suporte teorias de críticos que pesquisaram sobre este assunto. Para tal, foi analisada a obra *Isso Ninguém Me Tira*, de Ana Machado. Trata-se da busca da alteridade feminina, procurando enfocar-se na crítica de Gabi, narradora personagem. O enfoque principal é provar a interferência da Indústria Cultural que, de uma forma ou de outra, se observa está inundando o campo literário com suas inovações: condensação e fragmentação de textos, presença de imagens, simulacros, cartas datilografadas, bilhetes manuscritos, gravações em fitas cassetes, além de vários gêneros literários que se entrelaçam na narrativa. A Indústria Cultural, com todas as suas artimanhas, tenta conquistar o interesse do leitor infanto/juvenil a partir da leitura literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura infanto/juvenil - alteridade feminina – Indústria Cultura

Como o objetivo do trabalho é analisar a presença da contemporaneidade e da Indústria Cultural na literatura Infanto-juvenil e a busca da alteridade feminina, passamos à análise de um texto literário, considerado Infanto-juvenil.

A obra *Isso Ninguém Me Tira*, de Ana Maria Machado, publicada pela Ática em 1994, na série “Sinal Aberto” é composta de 9 capítulos, num total de 106 páginas.

Conta história de duas adolescentes: Dora e Gabi, mas somente a segunda busca e impõe-se como feminino. A narrativa discorre sobre um suposto triângulo amoroso. Gabi busca, na obra escrita em 1ª pessoa, esclarecer essa situação, enfrentando a imposição tradicional da família em relação ao possível fato.

O enredo inicia-se embasado em três versões: a primeira de Gabi, a outra de Dora e a última de Bruno. Porém é Gabi, prima de Dora, quem narra todas as versões. A trama acontece na década de 90 na cidade de Livramento. Dora fala para todo mundo que namora Bruno, sem mesmo conhecê-lo direito. No dia em que isso acontece, ela fica sem reação e resolve voltar para a casa dos pais, em outra localidade. Gabi começa a namorar Bruno, a dar aulas particulares de Inglês, participa de um congresso internacional de turismo (ela e algumas alunas da escola foram selecionadas para trabalhar de recepcionistas, as escolhidas deveriam ter um bom domínio de inglês) e, ainda, se envolve em um projeto sobre lixo reciclável na escola. Em toda narrativa, busca sua independência, mesmo contrariando seus pais e o namorado.

Dentre todas personagens, Machado coloca na protagonista Gabi a luta da mulher em busca de um lugar ao sol; não é apenas uma questão de se impor como pessoa; é como se quisesse mostrar que “o sexo frágil”, deixa de lado a dependência, a insegurança e dá seu grito de liberdade ainda que pague um preço por tal atitude, como afirma Gabi, no final da história depois de enfrentar perdas e ganhos: “Isso ninguém me tira ... [Ninguém] me tira o que é meu. E o que eu mesma sou, e vou passando a ser a cada dia, meu jeito, meu amor a vida, minha maneira de tentar construir meus sonhos”. (p. 105).

Gabi, adolescente de 15 anos, estuda no ensino fundamental no colégio público, mora com seus pais e um

irmão Tiago, mais jovem que ela. Namora Bruno estudante do Ensino Médio que também faz aulas de Inglês. A autora evidencia a importância de se aprender a Língua Inglesa, como apregoam os PCNs de Língua Estrangeira em suas linhas gerais. Gabi, seus pais e Bruno sabem falar a língua em questão. “... tocou uma música e ela cantarolou junto: (mãe de Gabi) – *No, no, they can't take that away from me...*” (p. 54). Durante a narrativa, podem-se observar várias palavras em Inglês como: *round, jazz, replay, Miss*.

A Dora é prima da protagonista, garota do interior, com 15 anos de idade, morava na fazenda com seus pais, sua irmã Alicinha e seus irmãos menores, quando o pai resolve mandá-la para cidade estudar e ficar morando com sua tia Carmem para frequentar a escola. Começa a fazer aulas de datilografia por vontade do pai: “... mas quando Dora ia para a sétima série, ele achou melhor que ela viesse para a cidade. Aprender coisas, conhecer gente - foi assim que ele explicou. E uma das coisas que ele fez questão de que ela aprendesse foi datilografia” (p. 14).

Na personagem Dora, a autora coloca o medo e a falta de coragem para realizar certos atos: “Não tive coragem de ir à reunião. Não agüentei. Bati o regulamento no maior capricho e mandei pela Marisa. Acho que se tivesse algum erro e ele reclamasse, eu ia desabar no choro. Fiquei com medo de me portar de modo inconveniente, “dar vexame,”... (p. 28).

Gabi critica a insegurança, a falta de objetivos concretos para o futuro da prima: “Eu tornei a dizer que ela era absolutamente panaca e outras coisas que a gente não escreve” . (p. 29).

Na personagem interiorana, pode-se observar os “simulacros” (BRAUDRILLAR, 1998:8) - fingir ter o que não se tem - “Só por que ela cismou com ele? Imaginou uma paixão na cabeça dela? Uma coisa que nunca aconteceu de verdade?”. Afirma o crítico: “Pois é com o mesmo imperialismo que os simuladores actuais tentam fazer coincidir o real, todo real, com os seus modelos de simulação”.

Dora deixa claro na narrativa seu ponto de vista a respeito de Gabi e sua mãe “As duas têm umas manias de independências que para mim são meio exageradas.” (p. 22).

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Universidade Paranaense

<sup>2</sup> Professora Mestre em Letras – Universidade Paranaense

Seus planos para o futuro são casar-se, ter muitos filhos e trabalhar no sítio, ajudando sua família e não estudar mais. “Eu vou é casar com o Bruno, ir morar na fazenda, ter um monte de filhos...” (p. 15), “... não tem necessidade, eu não vou voltar para fazer o segundo grau aí. Realmente, não tem necessidade, eu não vou mesmo fazer faculdade depois”(p. 39).

Gabi fica horrorizada com atitude de sua prima quase irmã, quando soube do noivado dela com Luís. “Fiquei chocada! Um cara que nem terminou os estudos! E ela é uma criança... Como é que deixam uma menina de quinze anos, com a vida inteira pela frente, se amarrar com um ignorante? Acho uma irresponsabilidade alguém se jogar numa dessas, estragar a vida dessa maneira. Porque não pode dar certo. Será que ninguém vê?” (p.39. 40).

Outra personagem é Patrícia (Lola), a mãe de Gabi, dona de casa que, ainda, trabalha fora. Porém é fraca e medrosa, gosta de evitar briga, está sempre tentando agradar a todos. Em alguns trechos da obra fica clara a submissão dela frente ao marido. Gabi afirma: “\_ Você não tem coragem de enfrentar porque é uma fraca, deixa ele mandar em você só porque ele é homem.” (p. 67). Segundo a ótica de Hall (1999,13), “O sujeito assume identidade em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”.

Sua mãe ainda afirma “Não preciso levar as coisas a ferro e fogo, existe uma sabedoria em ir cedendo aqui e ali... Para viver em paz.” (p. 68). Nestas palavras, fica evidente sua fragilidade em relação a tudo. “Talvez seja fraca, mesmo, às vezes com medo de brigar, medo de que fiquem contra mim, me deixem sozinha, não sei.” (p. 68).

Gabi ainda critica a atitude dela ao bisbilhotar algumas cartas que ela recebia de Bruno, quando ele passou uns meses na Itália e continuaram namorando por cartas. A adolescente bateu de frente com sua mãe, ficou revoltada com situação, pois ela não admitia uma intromissão dessa na sua vida. A mãe tenta justificar-se: “Eu pensei que, se eu soubesse mais coisas da relação entre vocês dois, podia influenciar em alguma coisa com seu pai, ajudar a mudar a atitude dele... Eu quis ficar do seu lado, minha filha, ser sua amiga.” (p. 67).

Outra personagem é Carmen, tia de Gabi e Dora, irmã de sua mãe, por quem Gabi tem uma enorme admiração: “A tia que eu admiro, com quem adoro conversar... Meu ídolo em pessoa!” (p. 45). Pode-se perceber que Gabi, espelha-se na tia, não na mãe.

O enfoque principal é provar a interferência da Indústria Cultural que, de uma forma ou de outra se pode observar, está inundando o campo literário com suas inovações. Nota-se a preocupação de despertar maior interesse pela leitura nos jovens, pois a obra não é tão extensa. Faria (1999, 101) lembra: “Quanto ao livro escolhido, há diversos pontos a considerar. Em relação ao aluno: o interesse pelo tema, a idade e seu nível intelectual e lingüístico necessários para compreender a obra.”

A presença de imagens é um ponto de grande pertinência, pois a autora utiliza essa técnica em toda a obra, com várias imagens falando mais que os textos verbais. Há inclusive duas páginas inteiras só delas, com apenas algumas frases pequenas e outras somente imagens. Ainda vale ressaltar que são todas em preto e branco. Calvino

questiona sobre esta questão(1990, 107):

Resta-me esclarecer a parte que nesse golfo fantástico cabe ao imaginário indireto, ou seja, o conjunto de imagens que a cultura nos fornece, seja ela cultura de massa ou outra forma qualquer de tradição. Esta questão suscita de imediato uma outra: que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar a “civilização de imagem” ?

Os “simulacros” também são relevantes na obra. Pode-se perceber quando Dora afirma para todos que namora o Bruno, apesar de nunca ter falado com ele. Uma outra situação pertinente também é a harmonia no lar de Gabi. Um dia antes, o pai havia brigado com ela, após encontrá-la com o namorado. No outro, na hora do café, todos fingem que não aconteceu nada. A própria Gabi afirma, até na metade do livro, que não namora mais o Bruno e , na verdade, continuam namorando às escondidas.. Segundo Baudrillard (1991, 9-10): ”Logo fingir , ou dissimular deixam intacto o princípio da realidade a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do <<verdadeiro>> e do <<falso>>, do <<real>> e do <<imaginário>>”.

As cartas datilografadas que Dora escrevia apresentam-se em uma fonte diferente do resto da narrativa. Isso tudo para chamar a atenção dos leitores, e não ficar cansativa a leitura. Aparecem, também, na narrativa bilhetes manuscritos por Gabi embaixo das cartas, de Dora. Percebe-se, além disso, outra fonte de letra quando o texto refere-se a uma fita que Bruno grava.

Diante desses fatos, pode-se perceber a influência fortíssima da Cultura de Massa em nossas obras literárias. A Indústria Cultural, com todas as suas artimanha, tenta conquistar o interesse do leitor infante/juvenil a partir da leitura literária. Por isso, nos tempos atuais faz-se necessária a formação contínua do professor no que diz respeito à leitura crítica, estudos teóricos sobre os diferentes tipos de obras que passam pelas mãos dos alunos. Dessa forma, ele saberá direcionar quais obras serão adequadas ao ciclo em que está lecionando. Afinal, é este profissional que está constantemente ajudando na construção do cidadão crítico e consciente em nossa sociedade moderna.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FARIA, M. A. **Parâmetros curriculares e literatura**. As personagens que os alunos realmente gostam. São Paulo: Contexto, 1999.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DPCA, 1999.
- MACHADO, A.M. **Isso ninguém me tira**. São Paulo: Ática, 1994.